

Manuel MARTÍN-BUENO, J. Carlos SÁENZ PRECIADO (eds.), *Topografía aplicada a la arqueología* (Colección de Textos Docentes, nº 266), Zaragoza, Prensas de la Universidad de Zaragoza (Vicerrectorado de Cultura y Proyección Social), 2017, 201 pp. ISBN: 978-84-16933-80-8.

Os actuais métodos de georreferenciação, pela facilidade de uso e, até, de acesso constituem instrumento fundamental de trabalho para o arqueólogo de campo. Sempre o contexto geográfico e as suas características de um sítio tiveram de ser devidamente consideradas e a ausência desses dados, no que concerne a relatórios — quando os há!... — de intervenções feitas, já não digo há mais de centúria e meia, mas até na segunda metade do século XX, revela-se óbice a conclusões mais válidas.

Se os aspectos culturais continuam a ser os que, porventura, mais despertam a atenção, porque se prendem com as questões identitárias tão em voga, também o território visto do prisma físico, concreto, começa a suscitar cada vez maior interesse, uma vez que outras questões, as ambientais, ganham relevo também. «Cada época tiene su tempo y cada oportunidad su momento», escreve-se, em epígrafe, no prólogo (p. 7) da obra a que de seguida se faz referência.

Cabalmente se justifica, por conseguinte, a publicação em papel do manual *Topografía aplicada a la arqueología*, a que, na qualidade de editores, Manuel Martín-Bueno e J. Carlos Sáenz Preciado, da Universidade de Zaragoza, decidiram lançar mão.

Saído das Prensas da la Universidad de Zaragoza (Vicerrectorado de Cultura y Proyección Social), com data, para a 1ª edição, de 2017, e o nº 266 da Colección de Textos Docentes, o livro tem escassas 200 páginas, formato bem manuseável e vem ilustrado com imagens eloquentes («Como se deve usar correctamente o fio de prumo», por exemplo!...).

Não posso, porém, mergulhar já no seu âmago, porque importa chamar a atenção para a necessária (a meu ver!) e meditada leitura do prólogo, pensado e redigido pelo Professor Martín-Bueno. É que, em duas páginas e meia, destina e instila saber de longos anos acumulado, com a simplicidade que só essa multifacetada experiência permite alcançar. Nem sempre se dá aos prólogos e aos prefácios o interesse que eles merecem, amiúde porque se parte do princípio de que, embora saídos da pena de mestres, são fruto de ocasião, recheados de lugares-comuns e palavras de circunstância. Sim, não nego que os há assim, mormente se redigidos por necessidades institucionais, frequentemente encomendados a assessores que, por isso, precisam de... escrever «qualquer coisa» com algum sentido. Há que saber separar, pois, o trigo do joio. E o prólogo deste livro é trigo

que, bem levedado, se transformou em pão de rara qualidade e sabor!

Em primeiro lugar, a reflexão sobre a autoria de manuais:

«Hace decenios, estas obras o estaban firmadas por jóvenes arriesgados que deseaban ocupar con rapidez, y premura formativa, un lugar en el espacio académico y científico al que se dedicaban, o eran fruto de cerebros consagrados, que a su experiencia dilatada unían su criterio de autoridad indiscutido. En este caso, no es ni lo uno ni lo otro» (p. 8).

Evidentemente que não se concorda com o último período do texto transcrito, dada a reconhecida experiência de ambos os editores; mas que seja essa frase motivo de consciencialização: só se consegue levar a cabo uma obra dando a impressão de que «é fácil» quando muito se aprendeu a contornar o difícil!

E isso se observa neste manual, inclusive pela forma metódica e clara como vêm dispostos os capítulos. Há, de resto, um segundo prólogo (p. 10-11), assinado pelos dois editores, em que se resume e explicita o conteúdo.

O primeiro «bloco», como lhe chamam, dedicado à arqueologia terrestre aborda os seguintes temas, cada um em seu capítulo: a aplicabilidade da cartografia aos trabalhos de campo; que instrumentos se usam tanto para a escavação propriamente dita como para a execução dos desenhos, sem que se esqueça a estação total, o GPS e as aplicações informáticas ora em pleno desenvolvimento; o desenho arqueológico, desde o tradicional, directo, até ao que resulta da utilização de ferramentas informáticas.

Relevo deve ser dado ao que se analisa nos três últimos capítulos desse primeiro bloco (o 4º, o 5º e o 6º), uma vez que aí se abordam, com muita clareza, as questões que se prendem com o manuseio das novas técnicas, «aspectos tipológicos, formais, metrológicos, que, a partir do desenho directo, vão permitir desenhar uma reconstrução virtual tridimensional dos elementos arqui-

tectónicos» (p. 10). E, naturalmente, não são esquecidos o *scanner* a laser, os drones, a teledeteção via satélite, tudo a dar-nos a possibilidade de «desenvolver um trabalho arqueológico impensável até agora» (p. 11).

Há, contudo, um aspecto que de propósito omiti e que responde a esta pergunta: tudo isso apresentado apenas por dois docentes? Não. Houve, naturalmente, o recurso a especialistas e os dois mestres foram referidos como... «editores»!

Assim, cumpre assinalar que o tema «cartografia» (p. 14-30) coube a Luca Lanteri, da Universidade de Tuscia, e ao topógrafo e arqueólogo Corrado Vaccarella. Os mesmos, associados a Carlos Sáenz Preciado, trataram do capítulo 2, «Los instrumentos empleados en el dibujo arqueológico» (p. 31-59). A Luca e a Corrado coube o 3º capítulo, «Metodología del dibujo arqueológico» (p. 61-87), tendo-se ambos ocupado também da «Metodología del dibujo arqueológico en 3D» (p. 89-97). A dois técnicos — Jorge Angás Pajas e Paula Uribe Agudo — foi entregue a tarefa de escreverem sobre as «técnicas geomáticas para la documentación e investigación del patrimonio cultural» (p. 99-125), um capítulo deveras técnico já. Com Martín-Bueno trabalharam Helena Palácios Jurado e, de novo, Paula Uribe para nos fornecerem informações preciosas acerca da aplicação da tecnologia à arqueologia (p. 127-156), capítulo que é complementado com um útil anexo a dar conta dos «produtos disponíveis no mercado para arqueologia tendo por base a utilização de imagens por satélite» (p. 159-164), deslindando-se nesta página 164 o emaranhado rol dos acrónimos e abreviaturas com que amiúde nos deparamos e cujo significado se ignora.

O capítulo 7º (165-189) esperávamos nós que viesse a ser redigido pelo Professor Martín-Bueno, grande mestre de Arqueologia Subaquática, para cuja escola enviei vários dos meus estudantes interessados nessa área. Redige-o, porém, um arqueólogo perito

também nessas lides, que decerto aprendeu na experiente escola do Mestre: Miguel San Claudio Santa Cruz. Aí se trata de «planimetria em arqueologia subaquática» (p. 189) e se nos ensina a «executar o levantamento duma forma muito mais precisa, rápida e simples de que o recurso tradicional ao esboço subaquático» (p. 189).

Termina o volume com a bibliografia indicada para cada capítulo.

Direi ainda que hesitei muito em manter Arqueologia com inicial minúscula, como inclusive vem no título e assim se escreve no decorrer da obra. Sei que só implica maiúscula quando significa disciplina académica; sei também que as modernas regras tendem a ‘minusculizar’ tudo aquilo que, dantes, se grafava com maiúscula para lhe atribuir importância. E ainda recentemente, numa destas frágeis intervenções na Internet, alguém criticava um político por ter escrito Cultura com maiúscula; é erro, escreveu o crítico. Pois eu

acho que tanto Cultura como Arqueologia são dignas de ter inicial maiúscula (que os autores me perdoem a discordância!); é que, se à Cultura se deve dar, cada vez mais, um papel primacial, a Arqueologia, como fonte promotora de identidade, também ‘maiusculada’ deve ser, para que se lhe atribua o lugar que bem merece!

A singela panorâmica traçada acerca do conteúdo deste manual terá bastado para nos congratularmos. Primeiro, pela iniciativa dos seus autores; depois, por a imprensa da Universidade de Zaragoza não ter hesitado em a apoiar, fazendo uma edição em papel, quando hoje a tendência é para o digital, na presunção de que mais fácil e menos dispendiosamente se chega a toda a gente. É verdade: maior facilidade e menos dispendio; mas... e a eficácia?

*José d’Encarnação*